

## **Resenha – Capitão América**

### **Primeiras Histórias (HQs 1 e 2)**

A primeira aparição do Capitão América foi na HQ de edição N° 1 do herói, escrita em 1941 pelo roteirista Joe Simon e ilustrada pelo desenhista Jack Kirby. O início da história é a mesma que vimos nos atuais filmes, Steve Rogers, um rapaz com problemas de saúde e não muito atlético, é escolhido para um experimento idealizado pelo governo dos EUA de criar um “Super Soldado” para combater os nazistas e seus aliados. A criação desse personagem era uma clara propaganda de guerra para o público estadunidense, onde o Capitão América era a representação dos soldados e do povo da Terra do Tio Sam, que louvasse a democracia americana, que espancasse nazistas e que fosse a voz de esperança para o imaginário popular. É importante ressaltar que, ele era um homem que se arriscava como cobaia de uma experiência pensando em defender o seu próprio país. Ou seja, Steve Rogers pagaria qualquer preço em nome do seu patriotismo. Não devemos esquecer que os Estados Unidos precisavam de soldados com vontade de defender o modelo ideológico do país nos campos de batalha da Europa, parte da África e do Pacífico. Desse modo, a maior parte dos vilões do Capitão América era formada por nazistas, como o Caveira Vermelha (a caveira era um dos símbolos do nazismo).

A aparição do Caveira Vermelha ocorreu logo na primeira edição que era o principal inimigo do Capitão América. A criação do Caveira Vermelha é impactante e, apesar de ser bem diferente a forma como conhecemos o personagem a partir das histórias atuais, mostra a insanidade e maldade que são suas principais características. Sua principal função era retratar como um nazista poderia ser um monstro, tanto em aparência quanto pelas suas atitudes, visto que nas HQs o personagem mata sem piedade aqueles que ele acha inferiores ou que não querem fazer suas vontades.

É importante que o leitor contextualize o tempo em que essas histórias foram escritas e releve as bobagens e até ingenuidades do roteiro ao expor os vilões e resolver os casos; uma, porque a linguagem de quadrinhos desse porte ainda estava em processo final de formação, e outra, porque era quase um imperativo

que houvesse didatismo (o público-alvo continuava sendo os mais jovens) e, no mesmo pacote de ideias, demonização de inimigos e afirmação constante de que alguém era mau em toda aquela trama e esse alguém precisava ser detido, além de a todo momento etnias serem estereotipadas de forma superficial.

Mesmo com essas características, as edições 1 e 2 são ótimas como num todo, apresentando conflitos que refletiam a preocupação do americano médio no início da década de 40: e se o inimigo está ao meu lado? E se ele for o meu vizinho? O vendedor do bairro? O amigo do clube?

Falando um pouco mais sobre a 2ª edição foi nela que tivemos a primeira aparição de Hitler que foi retratado de forma maligna, que tratava de todos os assuntos sozinho. O jogo de luz feito na arte da HQ escurece o rosto dele, deixando sua maldade mais evidenciada.



O autor em nenhum momento problematiza o termo “Democracia”, apenas deixa no ar que Hitler quer transformar o mundo numa extensão da Alemanha, eliminar as democracias e instalar um regime autoritário.

Essa foi a análise de 2 das 5 primeiras edições do Capitão América que foi uma clara resposta norte americana contra o nazismo utilizando a mídia como forma de defender seus ideais. Os quadrinhos tiveram grande sucesso durante a Guerra (que durou até o ano de 1945). Após o final da Segunda Guerra Mundial, os quadrinhos ficaram sobre a responsabilidade de Stan Lee. Porém, nos primeiros anos, o sucesso obtido durante a Segunda Guerra não foi repetido, com as histórias parando de serem produzidas por alguns anos. O sucesso só retornaria na década de 1960, quando Jack Kirby passou a auxiliar Stan Lee. Nessa continuação, o personagem teria ficado congelado após terminar a guerra. Nesse “renascimento”, ele aparece como o grande líder de um grupo de heróis conhecidos como “Vingadores”.